

«**E**U QUERIA que suas férias fossem maiores», disse Julie Boller, abraçando o marido, Mark, à entrada de sua casa em Mogo, pequena cidade costeira da Nova Gales do Sul, 300 km a sul de Sydney. «Eu também», respondeu ele, dando um beijo de despedida na mulher. Homem de tez morena, de 30 anos, Mark trabalhava como operário no complexo da Southern Asphalters, perto dali. Era 1.º de novembro de 1993, dia de sua volta ao trabalho após duas sema-

# O HOMEM QUE SE RECUSOU A MORRER

Diante deles estava uma múmia envolvida em piche, com o corpo inchado como se tivesse sido mergulhado em cera derretida vezes sem conta.

SIOBHAN McMAHON

nas de férias. Fora agradável descontrair em casa com Julie, de 27 anos, e suas duas filhas, Jerrica, de 3, e Maygen, de quase 2.

Embora magro e com apenas 1,60 m, Mark era musculoso e forte e gozava da reputação de ter garra e dar duro. Antes das férias, trabalhara sete dias por semana durante dez semanas consecutivas para produzir 10 000 t de asfalto para o Departamento de Estradas e Tráfego da Nova Gales do Sul, um dos maiores clientes da companhia. Muitas vezes pensava se não estaria negligenciando sua família. «Mas precisamos do dinheiro», dizia para si. Seu salário tinha de dar para pagar a hipoteca de sua casa de dois quartos e para as contas dos remédios de Jerrica, que sofria de ligeira paralisia cerebral. «Minhas horas extraordinárias servirão para comprar uma cadeira de rodas para ela», prometera Mark a Julie.

Às 7 da manhã, ele entrou na estrada de acesso à fábrica de asfalto, que se estendia por 2 ha. Passou por uma pequena barragem, do lado esquerdo da estrada, depois por um escritório, do lado direito. Em frente, encontrava-se a principal peça da maquinaria da fábrica, um cilindro misturador de 7 m, que uma correia transportadora alimentava com areia grossa por uma extremidade, e que um enorme queimador de óleo aquecia pela outra. Ao lado, semelhante a um monólito de

5 m de altura, erguia-se um tanque de armazenamento de piche, revestido de ferro. No interior, um recipiente gigantesco continha 56 000 l do brilhante líquido negro, subproduto do processo de destilação através do qual se refina o petróleo a partir do óleo cru. Era mantido a uma temperatura constante de 170°C.

Mark Boller estacionou o carro junto das máquinas e juntou-se a outros cinco colegas de trabalho para um café rápido antes do serviço. Um deles era Stephen Harris, relativamente novo na fábrica. Harris sempre apreciara o espírito otimista de Boller. Em seu primeiro dia de trabalho, seis meses antes, este o recebera com um firme aperto de mão. «Não fique aí com essa cara de preocupação, companheiro», dissera, sorrindo. «Daqui a pouquinho você estará por dentro de tudo aqui.» A partir de então, tinham desenvolvido uma excelente relação de trabalho.

A primeira tarefa de Boller nesse dia era mudar um tubo de ventilação no alto do tanque. Subindo por uma escada fixada ao lado do tanque em forma de silo, ele avançou para o teto de zinco preto. O calor atingia-o através das grossas solas de suas botas de trabalho, apesar das camadas de material isolante que revestiam o tanque. Sabia que o piche lá dentro podia fritá-lo como se de repente caísse numa frigideira. «Quanto mais rápido eu fizer esse trabalho, mais depressa posso descer», calculou ele.

Mas, de repente, ouviu uma espécie de rugido. Intrigado, virou-se e

viu um jato de vapor saindo de um respirador no centro do tanque, o que significava um aumento da pressão interior. O tanque começou a ressoar, com os tremores intensificando-se rapidamente. Em poucos segundos, toda a estrutura vibrava violentamente e Boller percebeu a catástrofe iminente: «Vai explodir!»

Saltou imediatamente para uma câmara menor, de apoio, cerca de 1,5 m mais abaixo. Mas ainda faltava saltar 4,5 m — a altura de uma casa. «Tenho de descer já!» Mas ao pular, olhando para baixo, ele arquejou, subitamente tomado de horror: acontecera uma rachadura na base principal do tanque e o betume fundido começava a se espalhar pelo chão asfaltado como a água de uma mangueira furada, alastrando-se em direção ao ponto onde ele ia cair.

Chocando-se violentamente contra o chão, Boller sentiu que as cartilagens de ambos os joelhos se rasgavam. Ao rolar para o lado, ele se empapou no piche. A dor explodiu por seu corpo, enquanto o betume atravessava sua camiseta e as calças de trabalho, até chegar à pele, empolando-lhe as costas, cobrindo-lhe o rosto e queimando-lhe a barba. «Estou assando vivo!»

Lutando para se pôr em pé, ele tentou correr, mas, antes que conseguisse dar um passo, a rachadura na base do tanque alargou como se tivesse sido rasgada por um abridor de latas gigantesco. A parte superior então rebentou, disparada como um foguete pela pressão interior, e soltou um jato de betume. A corrente

arremessou Boller no chão e arrastou-o por vários metros, enquanto ele procurava respirar e lutava freneticamente. Quando a onda parou, ele estava coberto por uma camada de piche quente de 1 cm de espessura. A substância entrou-lhe pelos ouvidos, perfurando-lhe os tímpanos e queimando sua carne no interior da boca e das narinas.

«Água!», pensou. «A represa!» Um ano antes, ele ajudara a cavar ali um reservatório de 10 m por 6 m, para aumentar o fornecimento de água da fábrica. Ficava a 60 m de distância, ao fundo de uma rampa. «É minha única esperança!»

Com os joelhos feridos latejando, ele se pôs de pé e tentou correr, mas escorregou e caiu. As botas não apresentavam aderência alguma no piche escorregadio, transformado numa piscina viscosa que lhe batia pelos tornozelos. Desesperado, ele voltou a se pôr de pé, com grande esforço. Após uns passos vacilantes, arfou de exaustão. O betume começava a endurecer, tornando-se mais pegajoso e dificultando-lhe os movimentos. «Inferno!», bramiu ele, frustrado.

Obrigando-se a continuar, chegou até seu utilitário e apoiou-se na porta do lado do passageiro. Fixou o olhar na represa através de uma abertura sobre seu olho esquerdo — a única parte do rosto que não estava coberta. «Você tem de conseguir!», disse para si próprio.

**S**TEPHEN Harris estava à porta do escritório da fábrica, a meio cami-

## O HOMEM QUE SE RECUSOU A MORRER

nho entre o tanque e a represa, falando com o patrão pela porta, quando ouviu a explosão. Motorista de caminhões-tanques, com 38 anos, ele se voltou e olhou aterrado para as ruínas do tanque e para uma figura como uma múmia negra, apoiada na caminhonete de Mark Boller. Incapaz de reconhecer quem era,

de de 1,5 m, ficando totalmente submersa. Atrás dele, o rio de piche escaldante e borbulhante corria pela descida, certa e lentamente, como se de lava se tratasse, em direção ao reservatório.

**B**OLLER sentiu algum alívio quando a água fresca cobriu seu corpo. Ele havia atingido o fundo acimentado do reservatório e ali agora descansava. Mas, ao tentar impulsionar-se para cima, sentiu-se preso ao chão: o betume endurecera como caramelo, encerrando seus membros e prendendo-o debaixo d'água com o rosto para baixo. Ao fazer força, desesperadamente, contra o fundo do reservatório, o piche endurecido rachou e fendeu-lhe a pele, enviando novas ondas de ago-



*Mark luta pela vida na Unidade de Tratamento Intensivo do Royal North Shore Hospital, em Sydney.*

Harris sentiu-se tomado de piedade, enquanto o pobre praguejava de dores.

Desencostando-se do carro, o homem desceu aos ziguezagues pela ladeira abaixo com os braços esticados para a frente. «Chamem uma ambulância», gritou Harris para o escritório. A figura coberta de piche cambaleou até o reservatório, entrou até ficar pelos joelhos e mergulhou de cabeça na água numa profundida-

nia através de seu corpo, com a infiltração de água lamacenta nas feridas que tinha debaixo dos braços e por trás dos joelhos. Seus pulmões imploravam por oxigênio. «Estou me afogando!»

Boller levantava pesos há dez anos para desenvolver a força na parte superior do corpo. Agora, com um esforço sobre-humano, usou seus fortes braços para sair do fundo. Depois endireitou as pernas e colocou

a cabeça fora da água. Seu peito se agitou quando ele tentou sorver o ar fresco, mas não conseguia respirar. Havia piche dentro de suas narinas, nos lábios e dentro da boca. Combatendo o pânico, forçou a língua para fora através do betume solidificado, até conseguir inspirar.

Tinham decorrido cerca de 2 minutos desde a explosão. «Chamamos uma ambulância», lhe disse Harris, que corra para junto do reservatório. Ainda não sabia quem era a figura enegrecida. «Você vai ficar bem, companheiro.» Mas Boller, que mal conseguia ouvi-lo, não estava convencido disso. De pé, com o queixo logo acima da água, sentia queimaduras por todo o corpo. Lembrava-se de ter ouvido dizer que se podia morrer de queimaduras de piche se elas cobrissem mais de 50% do corpo.

Temendo o pior, afastou o desespero. «Você pode vencer isso!», disse para si. Nunca fora um derrotista e por várias vezes tentara demonstrar aos outros que seu tamanho acanhado não constituía obstáculo. Uma vez, num teste de força numa competição local de levantamento de peso com as pernas, os assistentes riram quando ele pediu 317 kg em sua primeira tentativa — o mesmo peso levantado pelo vencedor da categoria de pesos pesados, um homem com mais 15 cm de altura e mais 20 kg que ele. «Não vai conseguir levantar isso de jeito nenhum!», avisou um dos organizadores. «Você é peso leve!»

Boller colocou-se na máquina de

exercícios e deitou-se de costas com as pernas dobradas. Depois, forçou as pernas para cima contra a barra, num movimento único e suave. No fim do dia, tinha levantado 363 kg, quase cinco vezes o peso de seu corpo. E ninguém mais ria.

«**P**OR FAVOR, preciso de ajuda.» Harris reconheceu-lhe a voz imediatamente: «É o Mark!» Ele sabia que uma das filhas de Boller sofria de paralisia cerebral. «Tenho de lhe dar uma ajuda», pensou. «Ele faria o mesmo por mim.»

Ainda de botas calçadas e de macacão, entrou pela água do reservatório com dificuldade e colocou as mãos gentilmente sob os braços de Boller para segurá-lo. O piche endurecido parecia pele de crocodilo e quente. «Já o agarrei, companheiro», disse Harris. «Ficamos na água até a ambulância chegar.»

Tinham-se passado 5 minutos desde a explosão. A notícia do acidente de Boller espalhara-se e estavam reunidos três homens em volta do reservatório. De repente, um gritou: «O betume está chegando na água!»

Harris virou-se e ficou horrorizado ao ver o rio de betume que entrava lentamente pelo reservatório, transformando a água em vapor. Uma espuma marrom movia-se vagarosa pela superfície, chiando enquanto se dirigia para as cabeças expostas dos dois homens. Já se sentia seu calor na água.

«Depressa!», gritou Harris, alarmado. Agarrando Boller pelos cotovelos, guiou-o rapidamente para o ou-

tro lado do reservatório, rematado por uma parede quase vertical de 2,5 m de altura. Harris empurrou as coxas para fora de água, enquanto Boller tentava subir a elevação com os dedos cobertos de betume arranhando canhestramente o cimento

gura oscilante à sua frente. Era possível discernir os traços do rosto de Mark Boller debaixo da máscara de betume. Seus braços e pernas pareciam três vezes maiores que o normal.

Arrasado, Harris virou-se de costas. «O pobre coitado não vai durar até de manhã», pensou.

**A**SSIM que Boller saiu da água, a sensação de queimadura voltou. «Por favor, mantenham-me molhado!», implorou.

Foi levado até um caminhão da companhia, estacionado perto do reservatório. Havia um chuveiro de emergência ligado ao caminhão, para utilização em casos de queimadura com o betume. Harris abriu a torneira e Boller colocou-se debaixo do bocal, mas o fluxo, de tão fraco, não lhe oferecia alívio. «Não adianta», gemeu.

«Vão buscar a mangueira, depressa», gritou Harris. Um homem correu para o escritório e ligou uma mangueira de jardim a uma torneira, mas ela era de-

masiado curta e Boller teve de subir 10 m da elevação aos tropeções, apoiado pelos colegas de trabalho, para poder ser molhado.

A água aliviava as dores, mas agora ele se sentia insuportavelmente frio. Começou a tremer violentamente, seu primeiro sinal de choque. «Estou sentindo que vou desmaiar», disse. Os colegas sentaram-no rapidamente numa cadeira coberta de panos molhados, para que



*Mark Boller, já livre de perigo, posa junto da mulher, Julie, e das filhas, Maygen, à esquerda, e Jerrica.*

escorregadio. Incapaz de se agarrar, Boller caiu em cima de Harris. A espuma estava apenas a 2 m dele, depois a 1 m. «Puxe-o para fora!», gritou Harris a um homem que viu no alto da parede. Boller gritou ao ser puxado para cima porque a pele debaixo de seus braços se abriu ainda mais. Harris rastejou para fora de água um instante antes de ser apanhado pela espuma.

Ofegante, ficou olhando para a fi-

ele não colasse nela, e continuaram a molhá-lo. Apesar da dor, Boller conseguiu brincar, com voz rouca: «Só está faltando o saco cheio de penas.» Ninguém riu.

Às 8.20, mais ou menos 30 minutos depois da explosão, Boller era levado de ambulância, a grande velocidade, para o Hospital Distrital de Batemans Bay. No caminho, pensou em Julie e nas crianças. Depois do diagnóstico da paralisia cerebral de Jerrica, dois anos antes, ele e Julie levantavam-se cedo todas as manhãs, massageavam suas pernas magrinhas, fixavam-lhe talas de plástico nos tornozelos e convenciam-na a exercitar seu preguiçoso olho direito. «Que farão elas se eu morrer?», perguntou-se. «Por favor, meu Deus!», rezou. «Ajude-me a viver. Por elas!»

**N**O HOSPITAL, o Dr. John Berick removeu um bocado de betume do interior do cotovelo esquerdo de Boller e inseriu-lhe um tubo numa veia. Sabendo que as vítimas de queimaduras perdem grandes quantidades de plasma pelos capilares danificados, trasfegou 6 l de soro para o corpo de Boller nas três horas que se seguiram, juntamente com morfina, para mitigar a dor. Quando as enfermeiras tentaram remover a máscara de oxigênio de Boller para trocá-la por outra mais eficiente, descobriram que ela tinha ficado colada. Foi preciso cortá-la e pôr uma ligadura de plástico em seu rosto.

Às 8.40, Julie recebeu um telefonema da fábrica sobre o acidente de Mark. A atraente ruiva pediu a uma

amiga para tomar conta das crianças e correu para o hospital. Viu as botas de trabalho do marido cheias de piche no exterior da sala das urgências. «Graças a Deus!», pensou. «Só os pés é que se queimaram.»

O Dr. Berick surgiu de uma porta, muito pálido. «Não há maneira de prepará-la para isso», disse, e Julie sentiu o coração cair-lhe aos pés. Arquejou ao ver o marido. Estava irreconhecível e um cheiro intenso, semelhante ao de petróleo, emanava do alcatrão em seu corpo. Com lágrimas, ela segurou carinhosamente em sua mão quente e pegajosa. «Vou tentar me safar dessa», disse Mark entre dentes. «Se não conseguir, faça o que for preciso para que você e as meninas sobrevivam. Venda a casa.»

«Não se preocupe», sussurrou Julie, obrigando-se a sorrir. «Tente melhor.»

Por volta das 13.45, Boller foi anestesiado e transportado de helicóptero para a UTI do Royal North Shore Hospital, de Sydney. As enfermeiras esfregaram-no com esponjas embebidas em mais de 10 l de óleo de parafina para fazer desgrudar o betume; depois, removiam-no com muito cuidado. Os médicos diagnosticaram queimaduras profundas, das que destroem toda a pele, em 81% de seu corpo, uma porcentagem quase sempre fatal. Ainda fortemente anestesiado, Boller começou a inchar, até que sua cabeça atingiu o tamanho de uma bola de futebol. Sua pressão disparou, primeiro quando as veias danificadas

deixaram escapar seu fluido para os tecidos circundantes; a seguir, quando bactérias invadiram sua corrente sanguínea.

Em sua terceira noite no hospital, o Dr. Ray Raper, um especialista que trabalhava lá há vários anos, chamou Julie, que viera de Mogo de carro, à sala de conferências da UTI. «Nunca vi queimaduras como estas em minha vida», disse-lhe. «Há fortes possibilidades de o Mark não conseguir sobreviver.»

Julie foi de elevador até a capela do hospital. Passou duas horas sentada em silêncio. As enfermeiras avisaram-na de que, se Mark sobrevivesse, poderia sofrer dores durante meses e ficar psicologicamente afetado pelo acidente. «Quero que ele viva», rezou Julie, «mas é egoísta pensar que ele passará por tudo isso por mim e pelas crianças.»

Voltando à UTI, pôs-se diante do marido, inconsciente e envolto em ataduras. «Se você não conseguir agüentar», soluçou ela, «dou-lhe permissão para morrer.»

Mark Boller esteve entre a vida e a morte por quatro semanas, enquanto iniciava uma série de sete operações de enxerto de pele. A cada vez, os médicos tiravam uma cama-

da com cerca de uns seis centésimos de milímetro de suas coxas, a única zona do corpo que saíra relativamente ileso, e depois passavam-na por uma máquina que a esticava, aumentando sua área cerca de nove vezes. Após cada operação, era preciso esperar que a pele das coxas se regenerasse, antes de repetir o processo. Mark submeteu-se ainda a uma cirurgia para reconstruir ambos os tímpanos e, mais tarde, a fisioterapia para fortalecer os músculos. Embora seus sinais vitais por vezes baixassem, ele reagia, recuperando as forças gradativamente. Por fim, após cinco meses e meio no hospital, estava suficientemente bem para ter alta.

Os enxertos no rosto e pescoço foram tão bem-sucedidos que ele não ficou demasiado desfigurado. Agora, em casa, apenas coxeia um pouco ao andar. Seu cabelo voltou a crescer. No fim do ano, a Comissão de Relações Industriais revelará suas conclusões sobre as causas do acidente.

«Sabemos que é um milagre o Mark estar vivo», diz Julie, sorridente e de mão dada com o marido. «Nunca esqueceremos a sorte que temos por ele ainda estar conosco.»

FOTOS: PÁGINAS 40 E 41, THE IMAGE BANK/P. RIDENOUR; RESTANTES, CORTESIA DE MARK E JULIE BOLLER

---

### Só música

— NÃO incomoda a vocês eu tocar violino todos os dias? — perguntou Carlinhos aos vizinhos.

— Pra dizer a verdade, nos incomoda sim, e até muito.

— Então, por favor, digam isso ao meu pai! — LTV Uzemi Híradó, Hungria